

Magno Paganelli (PAGANELLI, M)*

Resenha: NOGUERO, Félix Tomillo. **A hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões**, trad. Alexandre Panosso Netto. São Paulo: Ideias & Letras, 2019, 120 p.

O Papa Paulo VI, por ocasião da realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), manifestou-se sobre o turismo “como fator válido na formação cultural moderna, *vínculo de simpatia entre os povos e de paz internacional*, experiência humana capaz de conduzir o espírito às suas mais elevadas escaladas, dignas do bendito olhar de Deus”.¹ A ênfase que se acrescentou não poderia destacar necessidade mais atual, tal como se tem visto nos deslocamentos massivos de grupos de refugiados, por motivos diversos, quais sejam a fome, a seca e, questão complicadíssima, as guerras e conflitos étnicos, como os do Oriente Médio.

Na outra ponta do problema, estão os receptores; são nações, povos próximos ou distantes, sociedades, enfim, são aqueles para os quais os refugiados olharam e desejaram ancorar as suas esperanças de um recomeço. Antes disso, a necessidade imediata: o abrigo, um canto para ficar, comer, limpar-se e estar protegido. Resumindo, a busca da hospitalidade.

Esse aspecto, aparentemente de menor importância, para o qual pode-se olhar como mero problema de construção de abrigos, ou de negá-los, reveste-se de texturas humanas, íntimas, ligadas à afeição, à empatia e à alteridade, capacidade de almas (ou espíritos) que atingem escaladas “mais elevadas”, no dizer de Paulo VI. E esse aspecto, que poderia passar sem a observação de muitos de nós, foi cuidadosamente contemplado pelo espírito vívido do professor doutor Félix Tomillo Noguero (1943-1914), espanhol, cuja atuação profissional na docência e na produção acadêmica cobriu temas que vão desde o Turismo até a Epistemologia, passando pelo Direito (sua formação original), indo à Estatística, à

* Graduado em Teologia (Fac. Unida de Vitória), com especialização em Novo Testamento. Licenciado em Pedagogia com especialização em Didática do Ensino Superior (Mackenzie). Mestre em Ciências da Religião (Mackenzie) e Doutor em História Social (FFLCH/USP). Trabalha como editor de conteúdo para diversas editoras e leciona História das Religiões e Metodologia Científica (Seminário Betel e Seminário Batista Independente de São Paulo). E-mail: paganelli.magno@gmail.com

¹ Miguel Ángel Acerenza, *Conceptualización, origen y evolución del turismo*. México: Trillas, 2006, p. 21-22. Trad. e ênfase nossas.

Teologia, à Ética, à Filosofia e à Hospitalidade, que hoje é tema central de disciplinas, cursos e programas de pós-graduação, em todo o mundo.

Originalmente, o conteúdo da obra surgiu no âmbito de uma conferência no *XXIX Congreso Nacional de Escuelas de Turismo*, em La Coruña, Espanha, em julho de 1993. O título original da palestra era *Las Grandes Religiones, la Biblia y el Turismo*, material que foi compilado, organizado e ganhou adição de notas de rodapé, pelo tradutor, hoje um dos principais teóricos do Turismo no Brasil, o Prof. Dr. Alexandre Panosso Netto, que se assume como filho intelectual do professor Tomillo. É dele também a Apresentação da Obra, sendo o Prefácio do professor Dr. Luiz Otávio de Lima Camargo, do Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade, da Universidade Anhembi-Morumbi e do Mestrado em Turismo, na USP/EACH, desse modo, julga-se estarmos em mãos especializadíssimas.

Dito isso, vamos ao conteúdo. A obra está dividida em duas partes: “As Grandes Religiões”, na qual ele trata das questões de crenças, percepções internas das comunidades originais da fé, da questão do outro, a discriminação e a indiscriminação; na segunda parte, “A Bíblia”, investiga-se o tema da hospitalidade, no Antigo Testamento - a Bíblia hebraica - e no Novo Testamento - cristão -, além de inserções de passagens das escrituras islâmicas, o Corão e a sua tradição.

Nos dois primeiros capítulos, a obra apresenta-nos a aspectos abstratos e mais rudimentares de uma ideia bem impressa na alma dos povos do Oriente Médio: terra, como um dos mais fortes vínculos interpessoais. O outro vínculo é a língua e, um pouco menos, a religião como elemento identitário dos grupos étnicos. Decorre daí a infelicidade das divisões artificiais realizadas pelos franceses e pelos ingleses, depois da Primeira Grande Guerra, causadora de parte dos conflitos que testemunham eloquentemente ainda hoje. A terra vincula os indivíduos entre si, e junta-se a isso a ideia ancestral de que foi um Deus quem nela os colocou e que os sustenta. Com isso, tem-se um vislumbre do papel fundamental da religião na formação social dos povos, bem como em outros aspectos dessas sociedades, ainda hoje presentes, tais como costumes e vocabulário.

O problema que se apontou no início, a questão dos refugiados, era contemplado pela hospitalidade das antigas religiões. É problema conhecido desde os tempos do Antigo Testamento, quando se acolhia o peregrino, o estrangeiro e o inimigo. Se no pacto de Deus com os judeus, a divindade foi hospedeira, anfitriã dos hebreus fugidos do Egito,

no Novo Testamento cristão, a divindade se fez hóspede; no dizer dos apóstolos Paulo e Pedro, Deus veio habitar nos que são seus. Na tradição árabe dos berberes islâmicos, o professor Tomillo diz que até as tropas inimigas eram acolhidas depois de uma batalha, e ele desconfia de que aqueles povos tivessem assimilado esse hábito com os beduínos, os povos do deserto, de quem se diz que “se aproximam da perfeição hospitaleira”, por serem “provavelmente o povo mais hospitaleiro na história da humanidade, devido, entre outras coisas, a seu *habitat*: o deserto, o lugar mais inóspito da terra”.

Essas informações históricas e os traços dos povos antigos são-nos dados com acréscimos retirados da mitologia grega e acompanhados de interessante material filológico, fundamentais para o leitor que procura um conhecimento diferenciado sobre o tema. Por exemplo, Tomillo chama-nos a atenção para a origem de termos aparentemente sem relação, mas intimamente conectado com o tema. Veja-se o caso da palavra “Hospital, termo aceito quase universalmente, funda suas raízes na palavra latina *hospitium*, cujo significado original é hospedagem ao viajante”. E “de *hospitium* também se derivam: hostel, hospedadoria, hotel...”.

Na segunda parte da obra, o enfoque está sobre as tradições dos receptores e as práticas envolvidas, certamente hoje preservadas com os ajustes da modernidade. Ali se nomeiam as pessoas que foram recompensadas por sua hospitalidade: Ló e sua família, o rei da atual região de Gaza, Abimeleque, que hospedou o patriarca Abraão; a mulher de Suném, Jó, um chefe nômade, árabe, de quem muito aprendemos a respeito do sofrimento; Putifar, o egípcio que recebeu José, filho de Jacó, os pais de Sansão, Gideão; uma viúva que hospedou o profeta Elias e também Barzilai, o qual teve retribuição do próprio rei Davi. Por outro lado, há as punições para quem negou receber hóspedes: a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, os moradores de Gueba, Jericó, na atual Cisjordânia, Sucot e Fanuel e Nabal, o ingrato fazendeiro que havia sido protegido pelo bando de Davi, quando este ainda não era monarca.

No passado, havia leis e protegiam o direito do asilo, denominado pelos nômades de “a tenda” e pelos sedentários como “a sombra do teto”. A segurança dos hóspedes era garantida pelo anfitrião, bem como a guarda de animais dos hóspedes; a conhecida cerimônia do lava-pés e a alimentação também estão presentes no gesto do recebimento. Hoje fala-se dos mesmos confortos, mas noutros termos: segurança por meio de câmeras e guardas; estacionamento amplo e banheiras de hidromassagem. Tomillo encontrou o

embrião da concessão de “benefícios fiscais” no fato de a hospitalidade equivaler, naqueles tempos, a uma função social e um serviço público, uma vez que naquelas sociedades não havia redes de hotéis, ou seja, não havia estabelecimentos que pudessem receber e abrigar o viajante, o pobre ou o indigente.

Assim, entre textos sagrados, passagens das mitologias grega e romana, tradição árabe e interpretações para as mentes modernas é que esse professor conseguiu, como ninguém, construir o entendimento para um rico aspecto de um campo abrangente e característico do nosso tempo: o Turismo. O texto leve é próprio daqueles que detêm a habilidade da comunicação, e o compasso crescente revela o domínio do seu tema e a certeza de que irá cumprir o objetivo. Espanta que o faça tão ricamente em tão poucas páginas!

Em *e-mail* trocado com o tradutor, animado, o professor Tomillo falou da possibilidade de “escrever um livro sobre teologia do turismo que será muito mais extenso que a conferência” que deu origem à obra – o que seria fantástico, haja vista a raridade do tratamento dado ao tema, dentro da perspectiva teológica. A não ser que alguém descubra algum outro manuscrito inédito sobre o tema, na biblioteca que o professor Tomillo doou à Escola de Comunicação e Artes da USP, contentemo-nos com saborear esse seu texto de despedida. E que bom que ele nos pode ensinar até depois da sua partida!

Recebido em: 09-07-2019.

Aprovado em: 13-07-2019.

Versão aprovada para publicação em: 25-08-2019.